

### **A respiração avança através de um gladiolo, as mãos**

*A respiração avança através de um gladiolo, as mãos  
encrespam-se de silêncio, minerais dolorosos asfixiam a noite, riscam  
como se fossem fósforos as sardas do teu rosto. Vens*

*com os dentes branquíssimos, o peito aberto aos ninhos, barco  
que balouça na névoa, é tecto, casa, cama. Dar-te-ia*

*a cereja do bolo, a serenidade do mar, uma praia de colmo,  
se os dias não fossem transitivos e os objectos íntimos, ó ave,  
insuportáveis.*

in "As Passagens Secretas"

### **A sombra revela o significado oculto desse ritual**

*A sombra revela o significado oculto desse ritual  
que o fogo  
acumula no obscuro sinal de uma ruína sem nome.*

*Chamam-lhe escrita, outros preferem nomeá-la  
como infinito  
exercício de adivinhação, dizem-na outros arte,  
enigma redentor a que se entregam os que crescem  
para o abismo e perturbam a treva.*

*Recompensa ou castigo, eis o que obstina.*

in "O Sossego da Luz"

### **Uma Doença Cúmplice**

*uma doença cúmplice, marcas púrpura  
dão ao teu rosto a expressão do exílio  
a que te submetes, gemeste  
toda a noite, soçobraste*

*à febre alta do final da tarde, uma prega,  
vincada no teu rosto,  
mantém-te inanimado  
entre a vigília e a injúria*

que há no sacrifício  
e te põe a carne em chaga.  
uma doença ativa, a consistência

do silêncio é como aço e o transe  
permanece, é superiormente excessiva  
tanta angústia.

in "Negrume"

### **BILLIE HOLIDAY: SOLO**

Não tenho mais visões, não tenho obsessões,  
sigo a trompete apenas, a ternura  
é esse outro lado das coisas em que me perco  
porque nada mais me chama e nada mais  
revejo no lentíssimo torpor que pelas veias  
senti outrora num azul imenso  
que mais do que tocar-me me esvaía  
no inferno do mundo e em seus ramais  
de pura nostalgia, tristeza e desencanto.  
Só ergo agora a voz para esquecer  
e ter o olhar toldado para as coisas  
que como grito lancinante escuto no silêncio  
enquanto outras vozes me chamam,  
outros indícios me vêm perturbar  
quando pressinto a noite antíquíssima  
em que se esconde o sobressalto da serenidade do meu tempo. Nem já a sombra aguardo  
ou o sentido destes brilhos espessos,  
estas chamas que consomem o meu corpo  
e a minha alma no mistério de tudo  
e no liminar enigma que adensa nos outros  
os sentidos, certa atenção venal, um desespero  
que em fumos e rastros me pergunta  
por esta vida que já não é minha  
e no coração recebo como salvação e ruína.  
Sigo a trompete, o subtil sinal da despedida.  
Só ergo agora a voz para esquecer.

A fotografia antiga captou  
duas personagens que nos fitam atónitas  
e uma rapariguinha  
preocupada com o destino da Samoa Ocidental,  
sua primeira terra.

Num leve movimento de sombra  
a rapariguinha pode surpreender-nos  
e de repente crescer e perguntar  
onde começa e acaba a peregrinação.  
Porque lhe respondemos invariavelmente  
que a nossa vida é a Samoa Ocidental  
ela pode sorrir pela primeira vez  
na fotografia  
e escrever connosco um poema  
sobre a Samoa Ocidental.

No âmbito do poema  
e da fotografia  
a Samoa Ocidental  
é a cumplicidade  
com que a rapariguinha sorri  
e connosco regressa à Samoa Ocidental,  
seu último refúgio  
no subtil estremecimento da fotografia.

## **Cúmplices**

Onde o vento não cessa revejo as árvores  
da infância e toco o anjo fascinante  
de um selo antigo da Lituânia. A meu lado,  
a mulher cinge a clâmide branca e é um ser alado  
com as sandálias de esparto no chão cintilante.  
À esquerda, na calle Portugal, um edifício  
está em chamas. Os homens  
depuram o fogo e a alquimia produz  
uma passagem para outro lugar. A manhã  
revela a epifania das coisas, a imortalidade  
da alma perante o mistério sagrado da brancura, o olhar  
cúmplice porque me encontro e me perco  
na graça do enigma. Por uma palavra e os teus olhos,  
transponho esta fogueira, vacilo, colho a flor  
translúcida intensamente azul onde a vidência se fixa  
para sempre,  
olho nos olhos a Virgen de la Veguilla e peço para voltar,  
entrego o coração, celebro a luz, alcanço a transparência.

*Corremos pela praia com a nossa nudez porque deixamos  
algures os mantimentos escassos  
de que a nossa tristeza se mantém.*

*Corremos pela praia e as mãos deslizam  
para um cobertor lavado pelo mar,  
o oiro magnífico, a distância  
mais curta entre dois pontos. É de noite,*

*e corremos porque o tacto é uma promessa,  
casam-se os búzios, conchas  
azuis habitam o olhar, barcos,*

*homens que bebem a água como se fosse terra,  
pequeninas sementes,  
dissimulam a sede a que deus nos condena.*

in "As Passagens Secretas"

### **O centro do mundo**

*Não leves nenhum desespero para casa.  
Os que sofrem hoje  
não são os que sofrerão amanhã.  
Os que imploram hoje  
não são os que implorarão amanhã.  
A medida de todas as coisas  
é como a mulher que chora no centro do mundo.  
Chora para constatar que está viva.  
Serve-te de um copo de leite.  
Vê como é branco.  
Constata como é puro.  
Observa como só até um preciso momento  
é útil e fruível,  
Qualquer pergunta que possas fazer sobre ti  
terá sempre uma única resposta  
dentro de ti.  
És como o leite,  
puro e fruível  
até ao preciso momento em que se ferve  
ou azeda.*

in "Arte do Regresso"

## **Aparecimento de Cristo à Virgem**

Não penses que morri por ter partido  
ou que parti só por ter morrido.  
Onde estive não estive e onde estou  
não estive nunca. Não penses que me vês  
só por me veres, ou que por não me veres  
eu não existo. Nem penses que existo  
se me vires, ou mesmo que existes  
por me veres. Não penses que me amas  
porque amas o que os teus sentidos  
de mim sentem. Nem penses que me sentes  
ou me amas só porque me sentiste e amaste.  
Não somos nada e tudo somos sempre,  
embora sempre eterna seja a eternidade  
e a nossa eternidade não exista.

in "Paixão"

## **Escondes dentro do livro a estrela**

escondes dentro do livro a estrela  
e não te preocupas com a queimadura,  
como se não houvesse outro mundo  
e só as páginas fossem inflamáveis,

o teu sorriso é uma verificação,  
fechas o rosto e tudo continua,  
abres o livro e tudo se ilumina,  
é certo que de palavras e vento

um mundo pode erguer-se, essa estrela  
é o teu nome incendiado,  
o teu nome onde a morte gasta tempo,

o teu nome é um astro quase extinto  
que folheio, gostando de queimar-me,  
sabendo que por uma nuvem me perco

e ganho.

in "Sal Negro"